



Cena do filme A rosa púrpura do Cairo, de Woody Allen

A superação dos limites dentro e fora das telas

JULIANA GRANATO E LUIZA MARINS

A imaginação é a capacidade do ser humano de criar imagens, de reproduzir visualmente os fatos. O cinema nada mais é que o resultado da imaginação sem limites, a expressão humana que recria e reanima o passado, representa o

presente e antecipa o futuro. A sétima arte, como todas as outras, é o reflexo do ser humano num estado divino, em que não há limites para a criatividade.

É comum atribuímos ao mundo cinematográfico o caráter de constante transformação. No entanto, estas mudanças não se dão somente por moti-

vos de criatividade inesgotável. Na história de uma nação, é importante ressaltar que os filmes foram se modificando de acordo com as épocas e o contexto de uma sociedade. Eles serviram – e ainda servem – como válvula de escape nos momentos de crise, tanto social, como pessoal.

Um dos inúmeros exemplos



Debra Winger e Shirley MacLaine em *Laços de Ternura*, dirigido por James L. Brooks

dessa transformação aconteceu com o cinema americano da década de 1930 que, assim como o neorealismo italiano, foi um período de mudanças diante de momentos de crise da nação. Nos Estados Unidos, com a Grande Depressão de 1929, o povo que estava na miséria viu no cinema uma saída para os seus problemas.

Em *A rosa púrpura do Cairo* (1985), Woody Allen consegue traduzir o cenário da Depressão, de uma nação desacreditada e desmoralizada frente à miséria que se instalava. A personagem Cecília, vivida por Mia Farrow, representa o povo americano, que diante do sofrimento, encontrou nos filmes uma maneira de se deliciar e esquecer a realidade, acreditando nas promessas de um futuro melhor que se materializavam nas grandes telas. Filmes mais humanizados e otimistas foram

surgindo, com o objetivo de reerguer a moral do povo, e os sentimentos de bravura e coragem retratados pelos atores serviam de inspiração e esperança para que a população acreditasse novamente na nação. E a partir daí muita gente também começou a se apaixonar pelo cinema.

Quando o país entra em guerra, a questão do sacrifício se torna um componente inerente: o soldado tem que se sacrificar pela tropa, pelo país. Metáforas como “não vamos deixar nenhum soldado para trás” começam a ser criadas para dar ideia de que a América poderia enfrentar qualquer revés. Mas é logo depois da Segunda Guerra Mundial que a superação vai ser redefinida, na medida em que o papel do herói vai passar por um questionamento crescente, de acordo com a maneira com que ele se comporta em so-

riedade, e se ele é de fato aquilo que representa. Nesse momento, esse personagem começa a demonstrar primeiramente a capacidade de superação pessoal, como é possível perceber no filme *Laços de ternura*. É então aí que esse personagem americano começa a ser posto em cheque e a ideia da superação começa a ganhar contornos religiosos. A superação passa a ter uma conotação cristã, de uma dimensão social passa para uma dimensão espiritual e existencial.

Segundo o professor de cinema da PUC-Rio, Hernani Heffner, a ideia de que é possível superar uma situação dramática radical é uma constante no cinema americano. Para ele, isso está ligado a questões históricas.

– Na medida em que a Guerra Fria vai perdendo aquela tensão maior, a ideia da superação



Professora da PUC-Rio, Madalena Sapucaia

vai se modificando. A partir disso, chega-se em uma dimensão mais realista, documental e de cotidiano, em que as situações e personagens enfrentam dramas pessoais muito fortes, quase sempre de natureza médica. Os diretores de Hollywood produzem então filmes que trazem à tona doenças raras e terminais. Desse modo, o obstáculo pessoal é estendido para a identidade da nação americana, afirma Heffner.

A superação de limites sempre será um tema recorrente nos filmes – tanto no passado como na atualidade. Apesar de, segundo Heffner, esse tipo de filme não ser o principal da bilheteria americana, dificilmente o público se cansará de assistir a um drama ou uma comédia que venha seguido de uma superação.

A estudante de jornalismo, Fabrizia Milione, sempre gostou desse tipo de filme e afirma que muitas vezes eles a ajudam a seguir em frente quando se depara com alguma dificuldade.

– A superação é uma coisa importante no processo histórico como um todo. A gente sempre precisa ultrapassar obstáculos, e as coisas vêm sempre se repetindo, então eu acho interessante que essa tônica seja sempre colocada em voga. É uma coisa que estimula a gente na nossa vida pessoal, argumenta.

Os filmes de superação e a psique humana

O próprio diretor de cinema Woody Allen nos instiga à reflexão nesta cena de *A era do rádio*, de 1987: “Nossa história de hoje é sobre um jogador de baseball. Seu nome era Kirby Kyle, um canhoto magro do Tennessee. Ele jogou no antigo time dos Saint Louis Cardinals. Ele era veloz e arremessava uma linda bola curva. Sua fama era conhecida entre os arremessadores. Era um garoto com um futuro promissor. Mas um dia ele foi caçar. Ele adorava caçar, igual ao seu pai e ao pai de seu pai. Quando caçava um coelho, ele tropeçou e a sua espingarda disparou. Uma bala atingiu sua perna. Dois dias depois ela foi amputada. Diziam que ele nunca mais arremessaria. Na temporada seguinte ele retornou com uma perna só. Mas ele tinha algo muito mais importante: tinha um coração. No inverno seguinte, um outro acidente custou a Kirby Kyle um braço.

Felizmente não era o braço que ele arremessava. Agora ele só tinha uma perna e um braço, mas bem mais que tudo isso, ele tinha um coração. No outro inverno, caçando um pato, sua espingarda disparou. Ele ficou cego. Mas com seu instinto, sabia onde deveria arremessar a bola. Ele tinha instinto e um coração. No ano seguinte Kirby Kyle foi atropelado por um caminhão e morreu. E na temporada seguinte ele ganhou 18 jogos na Super Liga do Céu.”

Nesse trecho Allen critica a sociedade americana, que desde os tempos em que a televisão ainda não fora disseminada, e na qual o rádio era um dos principais meios de entretenimento, já gostava de ouvir as histórias trágicas de superação dos outros. Ao mesmo tempo em que ironiza, o diretor nos faz refletir: por que o ser humano tem tanta adoração pelo sofrimento e pela superação alheia? O que desperta este interesse no homem? E finalmente: qual a importância do cinema nesse contexto?

Segundo a psicóloga e professora da PUC-Rio Madalena Sapucaia, essas questões estão ligadas ao conceito utópico do “american way of life”, e a certa ideologia da sociedade americana, do “yes we can”, ideia de que na América será possível superar qualquer dificuldade.

– Você se dá conta de que tem dificuldades diante de algumas questões e se tem ali, na tela colorida, alguém que frente às dificuldades consegue resolver, é claro que isso é inspirador, afirma Madalena.

Filmes de superação de limites são constantes em diferentes gêneros, como, por exemplo, na comédia que fala do trágico de uma forma lúdica. Madalena garante que essas histórias fazem sucesso porque a desgraça que passa nas telas garante ao espectador que aquilo não está acontecendo com ele, e por isso se torna engraçada.

De acordo com a psicologia, existe uma realidade com a qual as pessoas não conseguem lidar, por exemplo, questões ligadas à morte e à perda de entes queridos. Por esse motivo, a superação da morte se torna tema recorrente em filmes americanos.

– É uma fantasia infantil, mas presente. Só a espécie humana sabe que vai morrer, e que todos de quem gosta também vão morrer. Então, como fazer para superar uma das certezas mais misteriosas da vida, sabendo

que você pode ser surpreendido a qualquer hora por algo que é completamente fora do seu controle? Como fazer para superar a ideia de morte? Se você vai ao cinema, e lá tudo se resolve... por que não?, questiona Madalena.

Exemplos que comprovam esse princípio são os filmes como *O óleo de Lorenzo*, *Meu pé esquerdo*, *Uma mente brilhante*, *Precious*, *127 horas* e o vencedor do Oscar de 2011 *O discurso do rei*. São histórias de pessoas reais que superaram suas maiores limitações, e que servem de inspiração. Elas atraem o interesse da população pelo simples fato de serem verídicas e, portanto, possíveis.

– O verídico dá uma chancela. Se o homem comum, concreto e real pode superar seus limites, e quem está representando isto no cinema não está mentindo, então afirma-se que todos que



Professor da PUC-Rio, Hernani Heffner

estão assistindo ao filme e concordam com a narrativa, também podem, acrescenta o professor Heffner.

O Oscar de superação

Filmes que abordam a temática da superação de limites sempre tiveram o reconhecimento da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas. Ao longo dos anos, muitos foram os filmes que já concorreram e receberam a tão aclamada estatueta do Oscar. Entre eles estão os recentes *Indomável* sonhadora, *O lado bom da vida*, o ganhador de Melhor Filme *Estrangeiro Amor*, e *As sessões*, que conta com uma interpretação de Helen Hunt na história verídica sobre Mark O'Brien, um homem que contraiu poliomielite na infância, perdeu os movimentos do corpo e sobrevive às custas de um "pulmão de ferro", mas que ainda sonha em perder sua virgindade, e para isso conta com a ajuda da terapeuta sexual vivida por Hunt.

Esse gênero também esteve presente ao longo dos anos, na categoria do Oscar de Melhor Filme: *O discurso do rei* em 2011, *Quem quer ser um milionário?* em 2009, *Menina de ouro* em 2005, *Uma mente brilhante* em 2002, *Titanic* em 1998, e o famoso contador de histórias *Forrest Gump*, em 1995. Muitos ganhadores do Oscar também conseguiram emocionar e cativar o público e marcar a história. A cor púrpura, *Histórias cruzadas*, *Tempo de despertar*, *Filadélfia*, *Um gênio indomável*, *Uma lição de amor*, *Cisne negro* e *Rocky Balboa*.



Bradley Cooper e Robert de Niro numa cena do filme *O lado bom da vida*